

RESENHA

## Sobreculturalidade e educação no México: o caso da Universidade Intercultural Indígena de Michoacan

**Ruan Rocha Mesquita<sup>1</sup>**

**Marise de Santana<sup>2</sup>**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Edson Dias Ferreira<sup>3</sup>**

Universidade Estadual de Feira de Santana



MARTINS, Daniel Valério. *Sobreculturalidade e Educação no México: o caso da Universidade Intercultural Indígena de Michoacan*. Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2023. 78 p.

MESQUITA, Ruan Rocha.; SANTANA, Marise de; FERREIRA, Edson Dias. **Sobreculturalidade e Educação no México: o caso da Universidade Intercultural Indígena de Michoacan (Resenha)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (30): 447-452, setembro a dezembro de 2025. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

A obra *Sobreculturalidade e Educação no México: o caso da Universidade Intercultural Indígena de Michoacan*, de Daniel Valério Martins (2023), chega em um momento bastante pertinente para as discussões acadêmicas e sociais, especialmente na América Latina. Pensando em temas como Interculturalidade, valorização de saberes tradicionais e o papel da educação superior para comunidades historicamente marginalizadas, o livro se propõe a um estudo de caso: a Universidade Intercultural Indígena de Michoacán (UIIM), no México, e como o conceito de Sobreculturalidade, elaborado pelo próprio autor, se manifesta no contexto educacional dessa instituição. A obra nos faz refletir sobre como a academia pode, de fato, se conectar com as realidades concretas e as lutas dos povos originários.

O livro é enriquecido com elementos pré-textuais de professores convidados, com a Apresentação por Dr. Stephen Grant Baines, notável antropólogo indigenista e professor da Universidade de Brasília (UnB); Prólogo por Dr. Ángel Baldomero Espina Barrio, antropólogo, professor da Universidad de Salamanca (USAL) e precursor do conceito de Interculturalidade da academia espanhola; e Prefácio por Dr. Alfredo Rajo Serventich, historiador e professor da UIIM. Os elementos pós-textuais, Epílogo e Posfácio, foram escritos por outros professores que também realizaram uma instância pós-doutoral na UIIM, Dr. Ottorino Bonvini, médico e psicólogo indigenista, e Dr. Walter Roberto Marschner, sociólogo e professor na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

O autor inicia situando a UIIM, explicando que ela foi criada com o objetivo de atender às demandas educacionais das etnias P'urhépecha, Mazahua, Otomí e Nahuatl da região de Michoacán, México, buscando vincular o conhecimento tradicional ao saber científico universal. O foco da investigação recai sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) produzidos pelos estudantes dos campi de Pichátaro e Zitácuaro, observando que esses trabalhos não são apenas requisitos acadêmicos, mas sim, produções que carregam as preocupações, os saberes e as estratégias de vida dessas comunidades.

Para analisar esse material, Martins constrói um percurso metodológico cuidadoso. Ele começa utilizando o Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1990), uma abordagem que busca pistas e sinais aparentemente pequenos para revelar processos mais amplos. Junto a isso, ele usa o de Estado do Conhecimento (ROMANOWSKI e ENS, 2006), que ajuda a mapear o que já foi produzido em uma determinada área, no caso, o repositório da UIIM. Essa combinação permitiu selecionar uma amostra de TCCs para sua investigação da aplicação do conceito de Sobreculturalidade. A partir de um universo de 183 trabalhos, ele chegou à sua amostra selecionando os trabalhos que foram produzidos nos campi de Pichátaro e Zitácuaro, onde o autor realizou trabalhos de campo prévios, e aqueles que no

título, resumo ou palavras-chave, apresentassem pelo menos dois dos dez descritores selecionados: *Desarrollo; Comunitario; Comunidad; Comunal; Colectividad; Cultura; Lucha; Tradición; Rescate e Identidad*. Os descritores foram selecionados

observando os critérios de pensamentos coletivos em detrimento aos pensamentos individuais, buscas por fortalecimento, empoderamento, soberania alimentar, manutenção de elementos próprios e específicos dos povos em questão. (MARTINS, 2023: 26)

Depois de selecionar o material, a análise se aprofunda com a aplicação da Análise de Conteúdo – AC de Bardin (2009) e da Análise de Discurso – AD de Greimas (1975). A AC, seguindo a abordagem de Bardin (2009), é usada para categorizar os temas principais que surgem nos TCCs. O autor identifica cinco blocos temáticos: Símbolos Identitários, Produção Alimentar, Meio Ambiente, Gênero e Educação. Essa categorização nos dá um mapa das grandes áreas de interesse e preocupação dos estudantes-pesquisadores.

A AD, por sua vez, baseada em Greimas (1975), é aplicada para ir mais fundo, tentando entender a narrativa por trás dos textos. O autor busca identificar etapas como a “manipulação”, aquilo que motiva a ação, a “competência”, o conhecimento ou habilidade adquirida, a “performance”, a ação propriamente dita, e a “sanção”, as consequências dessa ação, positiva ou negativa. É a partir dessa estrutura de análise narrativa, aplicada aos blocos temáticos, que o autor começa a desvendar as intenções e os discursos implícitos nos TCCs. Ele mostra, por exemplo, como o medo de perder a língua materna (“manipulação”) leva à busca por conhecimentos na Universidade (“competência”) para criar materiais didáticos e promover a educação não-formal (“performance”), resultando na preservação da língua (“sanção positiva”). É um jeito interessante de ver a pesquisa acadêmica como uma forma de agir no mundo.

O ponto alto da obra é a conexão que o autor faz entre essa análise dos TCCs e seu conceito de Sobreculturalidade. Ele defende que esses trabalhos demonstram, na prática, as diferentes fases do contato cultural que, no caso dos povos indígenas, se transformam em estratégias de sobrevivência. A Intraculturalidade (GERVÁS *et al*, 2017), conceito que se relaciona com a sensação de pertencimento a um grupo, de autorreconhecimento, de autoaceitação, aparece na valorização dos saberes e símbolos próprios; a Multiculturalidade (LOPES, 2012), conceito que versa sobre a presença de múltiplas culturas em um espaço, aparece no contato com o universo acadêmico “não-indígena”; a Interculturalidade (BARRIO, 2006), conceito que trata das interações, diálogos e convivências entre culturas distintas, aparece na forma crítica de integrar esses diferentes saberes; e a Transculturalidade (RODRÍGUEZ, 2011) é o resultado das interações ocorridas na Interculturalidade, transformação que acontece quando ferramentas novas, como a pesquisa científica, são usadas para os fins culturais próprios. É como se a universidade se tornasse um espaço onde a “cultura de sobrevivência” – *sobreculturalidade* – se equipa com novas ferramentas para continuar sua jornada. Ele argumenta que os TCCs são a evidência empírica desse processo.

Considerando a estrutura do livro, os textos de apresentação, prólogo, prefácio, epílogo e posfácio são muito valiosos. Trazer diferentes perspectivas de acadêmicos renomados sobre o trabalho do autor e a importância do tema enriquece bastante a leitura e situa a pesquisa num contexto mais amplo de debate na área. A obra aborda um tema de suma importância no contexto latino-americano: a educação superior indígena e sua relação com a preservação cultural e o desenvolvimento comunitário. O foco na UIIM, uma instituição sólida, e a análise dos

TCCs dos próprios estudantes proporcionam uma perspectiva empírica valiosa e muitas vezes invisibilizada: a ideia de que a pesquisa indígena, feita pelos próprios indígenas, é uma forma de luta e empoderamento inspirador e urgente. O conceito de *sobreculturalidade*, desenvolvido pelo autor em trabalhos anteriores e aplicado na obra resenhada, oferece uma nova lente para compreender as complexas dinâmicas de contato cultural, resistência e sobrevivência em sociedades sob pressão hegemônica.

No entanto, observa-se que, em alguns momentos, a análise poderia se beneficiar de uma exploração ainda mais detalhada dos TCCs. Além disso, a articulação entre as metodologias, embora todas sejam apresentadas como parte do percurso, poderia ser explicitada com mais detalhes, principalmente para leitores que ainda não estão familiarizados com os conceitos.

Para além dessas reflexões que surgem ao aprofundar-se nos métodos, a obra de Daniel Valério Martins é, sem dúvida, uma contribuição importante. Ela joga luz sobre uma realidade pouco explorada da produção acadêmica indígena e valida um conceito que parece promissor para entender as dinâmicas culturais em contextos de contato e resistência de povos indígenas. O autor reconhece que essa é uma primeira aproximação e sugere a necessidade de trabalho de campo e entrevistas, o que reforça a ideia de que o livro é um ponto de partida robusto para futuras investigações sobre a UIIM e a Sobreculturalidade. É uma leitura que desafia a pensar o papel da universidade e da pesquisa de um jeito mais conectado com as realidades sociais e culturais dos povos originários.

*Recebido em 27 de julho de 2025.*

*Aprovado em 30 de novembro de 2025.*

## Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA, 2009.
- BARRIO, Ángel Baldomero Espina. *Conocimiento local, comunicación e interculturalidad*. Recife: Massangana, 2006.
- GERVÁS, Jesús Maria Aparicio; MARTINS, Daniel Valério; BILBAO, Charles David Tilley; Barcelar, Lucicleide de Souza. Interculturality, Intraculturality and Education: New Proposals for Sociocultural Intervention in Latin America. *Journal of Human Values*, 23 (2): 106-115 2017.

- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- GREIMAS, Algirdas Julius. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- LOPES, Ana Maria D'Ávila. Da coexistência à convivência com o outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - REMHU*, 20 (38): 67-81, 2012.
- MARTINS, Daniel Valério. *Sobreculturalidade e Educação no México: o caso da Universidade Intercultural Indígena de Michoacan*. Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2023.
- RODRÍGUEZ, Karol Marcela Vásquez. “Diverso universo: Diversidad y transculturalidad”. In: GERVÁS, Jesús Maria Aparicio (org.). *Interculturalidad, Educación y Plurilingüismo en América Latina*. Madrid: Pirámide, 2011. pp. 87-102.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. *Revista Diálogo Educacional*, 6 (19): 37-50, 2006.

VOLUME 13  
NÚMERO 33  
(SET./DEZ. 2026)

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

## CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

ETNOGRAFIA, ESCRITA DE SI  
E ESCRITA ENTRE OS SEUS:  
EXPERIMENTAÇÕES,  
DESAFIOS  
E POTENCIALIDADES

COORDENADORXS:

DR. DR. LEANDRO DE OLIVEIRA (UFMG)

DR. DR. FELIPE TUXÁ SOTTO MAIOR CRUZ (UFBA)

PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE JULHO  
DE 2026

**A** Antropologia, desde sua institucionalização como disciplina, foi marcada por um viés coletivista/ objetivista, priorizando noções como cultura, sociedade, estrutura e totalidade em detrimento de uma atenção à subjetividade, ao "biográfico" e à experiência pessoal. Nos anos 1970 surgem etnografias em que a/o antropóloga/o se constrói como personagem ativa no texto, tanto na interação com interlocutores quanto em uma explicitação seletiva de aspectos de sua trajetória e vida pessoais (articulada a posicionamentos político-epistemológicos). Esta antropologia reflexiva é coetânea à formação de pesquisadoras/es oriundas/os de comunidades tradicionalmente estudadas por antropólogas/os, que também recorrem a uma escrita de si em suas etnografias, dando ênfase a pertencimentos coletivos mais que a um exame da própria interioridade. Tais abordagens, por vezes rotuladas em bloco como autoantropologia ou autoetnografia, já foram alvo de suspeição por seu suposto individualismo e por seu distanciamento do ideal cientificista clássico. Não obstante, contribuem para a crítica ao presente etnográfico e autoridade etnográfica, e a reflexão sobre aspectos ético-políticos da pesquisa - contribuindo, nos termos de Donna Haraway, para a proliferação de "saberes localizados". A recente e crescente ocupação de espaços acadêmicos por pessoas negras, indígenas, transexuais e outros grupos minoritários tem potencializado a produção de pesquisas etnográficas por pesquisadores vinculados a estes grupos e categorias, que não somente falam sobre suas próprias experiências e comunidades, mas também tem atuado ativamente na denúncia e visibilização da branquitude, da cisgeneridade e das formas de letalidade e epistemicídio que estas direta ou indiretamente promovem. O dossiê pretende, simultaneamente, oferecer espaço para estas perspectivas antropológicas emergentes e um panorama da produção afinada com estas problemáticas.